

// Música Final



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Sergio Miceli Pessôa de Barros

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Maria Angela Faggin Pereira Leite
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Suplentes Marta Maria Geraldês Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor Antonio José de Almeida Meirelles
Coordenadora Geral da Universidade Maria Luiza Moretti



Diretora Edwiges Maria Morato

Presidente COMISSÃO EDITORIAL
Edwiges Maria Morato
Carlos Raul Etulain
Cicero Romão Resende de Araujo
Frederico Augusto Garcia Fernandes
Iara A. Beleli
Marco Aurélio Cremasco
Maria Tereza Duarte Paes
Pedro Cunha de Holanda
Sávio Machado Cavalcante
Verónica Andrea González López

// MÚSICA
FINAL

Mário de Andrade
e Sua Coluna Jornalística
Mundo Musical

// JORGE
COLI

edusp

EDITORIA
UNICAMP

Copyright © 1998 by Jorge Coli

1ª edição 1998 (Editora da Unicamp).

2ª edição revista 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coli, Jorge

Música Final: Mário de Andrade e Sua Coluna Jornalística Mundo Musical / Jorge Coli. – 2. ed. – São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo; Campinas (SP): Editora da Universidade de Estadual de Campinas, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-157-9 (EDUSP)

ISBN 978-85-268-1608-4 (EDITORA DA UNICAMP)

1. Andrade, Mário de, 1893-1945 2. Música – Apreciação crítica
3. Música – Brasil – História 4. Textos jornalísticos I. Título.

23-168828

CDD-780.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Música: Apreciação crítica 780.9

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

Direitos reservados a:

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
CEP 05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. +55 (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar,
Campus Unicamp, CEP 13083-859 – Campinas (SP)
Tel.: + 55 (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

Este livro não teria sido possível sem a amizade e o apoio efetivo de Telê Porto Ancona Lopez. Quero associar esta obra também a Bruno Prunès, amigo fraterno, que desapareceu sob uma avalanche de neve nos Pirineus, no início de 1996, e cujo amor pela música era imenso.

Não devemos tampouco esquecer que todo indivíduo que se distingue por seus talentos coloca a si próprio, em seu coração, dentro de certa aristocracia. Ele não pode, quer queira quer não, se confundir com a massa, e esse sentimento inevitável tem consequências diversas. Ele observa que a democracia, equalitária por excelência, é incapaz de manter um poeta. Ou ainda, julgando os homens no poder e os dominados por estes, ele os despreza, mas sente a tentação de se tornar ele próprio uma figura política importante e de participar da condução dos acontecimentos. Essa tentação não é rara entre líricos. É notável que a ocupação humana mais pura, esta de captar e revelar os seres pelo canto, como fazia Orfeu, conduza tão frequentemente ao desejo da mais impura. O que pensar? Há exemplos de tudo, pois estamos em história...

PAUL VALÉRY,

Variations sur les Bucoliques de Virgile.

// Sumário

15	Explicação
21	Introdução
33	Apresentação de <i>Mundo Musical</i>
34	<i>Comentário</i>
37	O Maior Músico
42	<i>Comentário</i>
67	<i>Anexo</i>
69	Claude Debussy (I)
75	Claude Debussy (II)
80	<i>Comentário</i>
103	Elsie Houston
108	<i>Comentário</i>
121	<i>Anexo</i>
123	Esquerzo
128	<i>Comentário</i>
146	<i>Anexo</i>
181	Pelléas et Mélisande
186	<i>Comentário</i>
191	O Pontapé de Mozart
196	<i>Comentário</i>
201	A Carta de Alba
206	<i>Comentário</i>
211	Parsifal
216	<i>Comentário</i>

219	Scarlatti
223	<i>Comentário</i>
227	A Bela e a Fera (I)
233	A Bela e a Fera (II)
238	<i>Comentário</i>
258	<i>Anexo</i>
263	Ao Dnieper
268	<i>Comentário</i>
278	<i>Anexo</i>
281	Mussorgsqui
286	<i>Comentário</i>
295	Boris Godunov
300	<i>Comentário</i>
307	Concursos
312	<i>Comentário</i>
315	Do Teatro Cantado
321	Psicologia da Criação
326	<i>Comentário</i>
350	<i>Anexo</i>
361	Elegia
366	<i>Comentário</i>
373	Ra-ta-plã
378	<i>Comentário</i>
383	Os Tanhauseres
388	<i>Comentário</i>
391	Músicas Políticas (I)
397	Músicas Políticas (II)
403	Músicas Políticas (III)
409	Músicas Políticas (IV)
414	<i>Comentário</i>
425	Tropo de Semana Santa
430	<i>Comentário</i>

435	José Maurício
440	<i>Comentário</i>
443	Número Especial
448	<i>Comentário</i>
449	Do Meu Diário (A)
454	<i>Comentário</i>
455	Do Meu Diário (B)
461	<i>Comentário</i>
476	<i>Anexo</i>
483	Música Universitária
488	<i>Comentário</i>
491	<i>Anexo</i>
493	O Perigo de Ser Maior
499	Villa-Lobos (I)
505	Villa-Lobos (II)
510	<i>Comentário</i>
524	<i>Anexo</i>
535	Do Meu Diário (C)
541	<i>Comentário</i>
543	Apêndice
567	Bibliografia
583	Índice Onomástico

// Explicação

De 1943 até sua morte, em 1945, Mário de Andrade assumiu a redação de uma coluna semanal na *Folha da Manhã* consagrada à música e intitulada *Mundo Musical*. O conjunto de artigos revelou-se de primeira importância, veiculando as principais reflexões sobre a música do modo como, naquele momento, se configuravam para o autor.

Mundo Musical constitui-se de textos “soltos” sobre diferentes questões estritamente musicais. Mas incorpora também, intercaladamente, algumas sequências concebidas dentro de projetos autônomos, independentes dos outros artigos. Há ainda escritos não referentes à música. Cabia, então, definir um *corpus*.

Era preciso excluir os grupos que possuem visível unidade, destacando-se claramente do todo. Publicados em segmentos, os textos eram sem dúvida destinados a se tornarem livros: alguns já foram mesmo editados postumamente.

Não se integravam também os escritos sobre artes plásticas e etnografia.

Desse modo, não fazem parte do *corpus*:

1. porque já publicados:
 - série de *O Banquete*;
 - série de *Vida do Cantador*;
 - dois artigos – “Danças Dramáticas”, de 22 de abril e 29 de junho de 1944 – incorporados por Oneyda Alvarenga em *Danças Dramáticas do Brasil*.
2. porque não musicais:
 - “Pastoris”, de 30 de dezembro de 1943, sobre assunto etnográfico;

- “Brazil Builds”, de 23 de março de 1944, sobre arquitetura;
- “Allegro e Valsa”, de 27 de abril de 1944, sobre Alfredo Volpi;
- “Não”, de 17 de agosto de 1944, sobre livros e edições;
- “Fazer a História”, de 24 de agosto de 1944, sobre Lasar Segall;
- “Esboço para um Portinari em Castelhana”, de 26 de outubro de 1944, sobre Candido Portinari.

Além desses, existem alguns textos denominados “Do Meu Diário”. Sob essa rubrica, Mário de Andrade apresentava notas breves a respeito dos mais variados assuntos. Foram integrados nesta obra apenas os três que continham questões musicais.

Os textos da coluna (ou rodapés, como o próprio Mário de Andrade os chama, e como também nos referimos a eles) trazem reflexões complexas, às quais amiúde o tom jornalístico cede o passo. Não formam um todo estruturado. Completam-se, no entanto, como etapas de um percurso no qual recorrências as mais diversas, preocupações e obsessões são retomadas à luz da atualidade ou das inflexões do pensamento. Pensamento ele próprio movente, plástico, avesso às belas estruturas teóricas cristalizadas.

São escritos que possuem algo de opaco, de obscuro. Algumas vezes porque dependem de circunstâncias hoje olvidadas; outras, porque se compreendem apenas à luz desse pensamento móbil, desenrolado na dinâmica dos momentos. Era preciso buscar as circunstâncias daquele presente e as reflexões que o precederam.

Desde o início, ficava descabida toda tentativa de reconstituir qualquer arcabouço teórico ou simplesmente conceitual com base nesses ensaios. Em vez de constelações abstratas que servissem de guia, era melhor seguir as sinuosidades e os acidentes do caminho.

A ideia primeira foi a de uma edição crítica e anotada. As notas, entretanto, multiplicavam-se excessivamente e, pelo seu caráter segmentado, impediam a fluidez dos raciocínios, a continuidade das articulações explicativas.

A forma do comentário se configurou, então, como a melhor. Ela permitia acompanhar *pari passu* os escritos, incorporando as informações das notas e integrando-as num desenvolvimento analítico.

Logo, outra necessidade revelou-se também. Esses textos aclaravam-se muitas vezes pela referência a outros, de Mário de Andrade ou não, mas de difícil acesso, por encontrarem-se apenas em jornais da época ou similares. Foi tomada a decisão de incorporá-los como anexos aos comentários que deles dependiam. Essas transcrições possuem pelo menos duas virtudes: primeira, o cotejo desses escritos é, de per si, forçosamente heurístico; segunda, vêm à luz a integralidade de textos raros, muito pouco acessíveis.

O caráter fragmentário pelo qual se revela o pensamento de Mário de Andrade permaneceu assim respeitado, ao mesmo tempo que se completou por meio de uma rede de relações internas, mas que se articulava também com a cultura brasileira do tempo. Como poderá constatar o leitor, para a compreensão de cada um dos artigos de *Mundo Musical*, foram mobilizados vários outros textos, de naturezas as mais diversas. Isso significou um trabalho longo – e bastante infernal – de pesquisa em arquivo, leituras e organização analítica.

Buscamos o maior número possível de documentos elucidativos. A maioria deles encontrava-se no próprio arquivo Mário de Andrade: as consultas foram imensamente facilitadas graças ao perfeito trabalho de classificação realizado pela equipe do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP).

Depois de alguma hesitação, decidimos abrir mão de outro tipo de informação, aquele constituído de depoimentos de pessoas que participaram das polêmicas da época ou assistiram a elas. Na época da redação inicial desta obra, nos anos 1990, mais de cinquenta anos filtraram aquilo que essas pessoas lembram pelo modo como elas lembram. Algumas experiências reforçaram em nós essa posição. Como não faltaram documentos de época, preferimos levar nosso raciocínio apenas baseado neles.

Desse modo, este livro apresenta unidades compostas, muitas vezes, de três momentos: o próprio texto de Mário de Andrade, seu comentário e seus anexos. Para evitar uma excessiva ginástica do leitor, tentamos reduzir ao mínimo as notas explicativas nos comentários, a fim de que não houvesse o tributo suplementar a um quarto momento de leitura. Assim, a maioria das notas apresenta apenas informações resumidas de fontes consultadas e citadas.

Com esse processo de acompanhamento analítico, o projeto ficou forçosamente pouco conclusivo. É bem claro que os nossos objetivos

não envolviam a síntese. Ele adquiriu, entretanto, uma natureza “aberta” – levantando muito mais problemas do que pôde resolver, indicando direções em que pôde se aventurar. Quantas questões devem ainda ser elucidadas: Mário de Andrade e a jovem geração que o cercava; o papel do grupo Música Viva nos meios musicais brasileiros; uma revisão das perspectivas nacionalistas na obra de Mário de Andrade... E essas são apenas algumas, surgidas em desordem na mente, entre muitíssimas mais.

Os originais de *Mundo Musical* que nos serviram para as transcrições são os recortes conservados no arquivo Mário de Andrade, do IEB-USP. Em todos eles, salvo um, as diferentes datas de publicação aparecem manuscritas. Eles contêm, igualmente, correções da mão do autor, que foram incorporadas ao texto definitivo aqui apresentado. Os textos de Mário de Andrade apresentados como anexos também são transcritos aqui já com correções e acréscimos manuscritos pelo autor, conforme encontrados nos arquivos do IEB-USP.

Mário de Andrade escrevia com particularismos ortográficos numerosos, num período de grande variação geral das regras de escrita. Para todos os textos, incluindo citações, escolhemos uma transcrição fiel, corrigindo unicamente o que se evidenciava, sem dúvidas, como “gralhas” e atualizando a ortografia apenas em relação à acentuação e hifenização, seguindo o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Apresentada nossa escolha, vamos a dois apontamentos:

1. Os critérios de seleção daquilo que deve ser tido como particularismo significativo ou não são muito fluidos. Quais os limites?
2. As flutuações ortográficas são representativas do autor, mas também de uma conjuntura da época. Mesmo considerando que os jornais não respeitavam as soluções pessoais e particulares dos originais, a forma como elas surgem são sugestivas. Um texto, por exemplo, escrito com os ff, ph, th, y, w, da velha ortografia etimológica, faz sobressair, de modo quase irônico, uma palavra como “inhapa”. Oneyda Alvarenga compreendeu a importância dessa fidelidade e manteve a transcrição exata dos escritos jornalísticos de Mário de Andrade em livros póstumos que editou

ou completou – como *Música, Doce Música*, que apresenta uma interessante variação em artigos que datam de 1928 a 1944.

Enfim, se nenhum desses argumentos for convincente, resta um, inegável: o leitor sabe imediatamente que tem diante de si a transcrição do texto de origem. Por essa razão, entre particularismos ortográficos de Mário de Andrade e escrita de uma época passada, o leitor não vai ter sua leitura prejudicada ao deparar com termos como “milhor”, “si”, “quasi”, “porisso”, “desque”, entre outros que conhece de outras formas e com outras grafias.

Este livro foi concebido originalmente como tese de doutorado, sob a orientação da professora Maria Sylvia de Carvalho Franco, defendida no Departamento de Filosofia da USP. A pesquisa foi financiada com auxílio da Fapesp e do CNPq.

Com algumas atualizações, esta edição guarda essencialmente o texto completo, de origem, tal como foi redigido de 1980 a 1989. Ademais, traz traduzidas todas as citações de textos e obras em língua estrangeira, além de um índice onomástico. Outro aspecto a destacar para o leitor desta edição é que os números de páginas que aparecem no meio do texto, geralmente entre parênteses, são remissões a passagens do próprio livro.

Sempre preferimos as transcrições chamadas “diplomáticas”, ou seja, respeitando exatamente a ortografia dos documentos. Numa época em que fluuava o modo de escrever em português, da velha ortografia etimológica a idiossincrasias individuais, nos parecia mais sugestivo como informação histórica a preservação desses modos, visando deixar a leitura mais saborosa. Assim está na tese original e na edição anterior. Porém, como estamos em época de atualizações que facilitam a vida, aceitamos os ajustes propostos pelos editores, pois permitem seguir de maneira mais escoreita os diversos textos.

×

// Introdução

Um Pensamento sem Hierarquia

“Olhe, Guilherme: nunca escreva crônica pra jornal, pra revista. Escreva sempre pensando que é livro.”

Este trecho foi formulada por Mário de Andrade numa carta de 1942 a Guilherme Figueiredo, que o transcreveu na palestra “O Villa-Lobos Que Eu Vi e Ouvi”¹. Ele não apenas confere a *Mundo Musical* sua verdadeira importância. Ele revela também o quanto o pensamento de Mário de Andrade se dá num vivido em que a natureza dos meios nos quais se expressa não estabelece hierarquia.

Esse pensamento se fez numa trajetória entrecidada com reações imediatas, com leituras circunstanciais muito numerosas, mas também irregulares, com preocupações constantemente retomadas, muito mais do que com conceitos. Ele se manifesta no escrito jornalístico, no ensaio, no estudo erudito e aprofundado e, por vezes, no esforço – malgrado, é forçoso que se diga – em atingir uma estrutura teórica mais abstrata. O debate trazido pelo rodapé “Esquerzo”, que revelamos em todos os seus elementos, tem como pano de fundo a estreiteza de uma incapacidade teórica.

1. Guilherme Figueiredo, “O Villa-Lobos Que Eu Vi e Ouvi”, 1974, p. 82.

Emergência do Nacionalismo

Mas é preciso acompanhar um pouco a trajetória. Nos primeiros tempos foi a formação no conservatório e, logo, seu trabalho ali como professor. O discurso sobre a música se inicia com o jornalismo: críticas a concertos, a óperas, desde 1915. Surge, em 1921, a conferência “Debussy e o Impressionismo”, reflexão de grande alcance, espantosa pela sua precocidade. Mas o primeiro marco decisivo é, em 1928, o *Ensaio sobre a Música Brasileira*.

Manifesto-programa, nascido na mesma época de *Macunaíma*, ele representa um testemunho capital da inflexão definitivamente nacionalista tomada por nossa modernidade. Como tornar “verdadeiramente” brasileiras as composições de nossos músicos? Mário de Andrade não quer um tropicalismo de pacotilha; quer a consolidação de um “espírito de raça”, de um inconsciente artístico intersubjetivo, coletivo. Seiva brasileira, episteme de nossas criações, *Volksgeist* determinante da criação.

As obras devem inserir-se na bela continuidade nacional, que emergia historicamente pouco a pouco, embora sem conhecimento de si. Observemos, portanto, a dupla postura: uma contemporânea, que manda ser nacional; outra histórica, projetando no passado a consciência nacional obtida no presente. Essa consciência possui um método curioso. As formas internacionais da arte são produto de um saber perfeitamente dominado. Enxertadas no meio brasileiro ainda incipiente, insuficiente, elas tornam-se irregulares, pois a plena maestria dos processos se perdeu. Como, de todos os modos, elas acabam sendo produzidas, é preciso contar com as falhas e os paliativos dos processos em exílio.

Então, a consciência encontra o “ruim gostoso” nesses defeitos peculiares. São sintomas psíquicos, éticos, sociais da brasilidade impaciente por se manifestar, que a nova consciência nacionalista descobre *a posteriori*. Carlos Gomes, cuja importância emblemática descobriremos, é objeto de uma análise que demonstra como seu “ser” traduz, apesar de si, uma diferença:

O “Guarani”, anterior de quase 20 anos ao “Escravo” e bem inferior a este como caracterização [nacional]. Porém o tema rítmico de Peri já traz pra ópera uma estranheza bem expressiva. Poderão objetar que estranheza não